

## A VIRTUDE COMO ELEMENTO INCLUSIVO: A BUSCA DE UM ESTADO MAIS CONSCIENTE

Carlos Roberto Sabbi<sup>1</sup>

### RESUMO

O objetivo que se delineou para investigar a virtude foi o de identificar o quanto ela seria um elemento importante para a inclusão, sob as mais diversas variáveis. Através da hermenêutica reconstrutiva se buscou levantar um quadro claro diante do contexto em que a humanidade está inserida. A justificativa partiu da necessidade de se verificar quais os elementos seriam necessários para compor o que se denominou na pesquisa de uma busca de um estado mais consciente. Além disso, boa parte dos problemas da humanidade se resolveriam ao natural se os elementos virtuosos estivessem presentes na maior parte do ser humano, fato que também justifica a investigação. Concluiu-se de que a virtude se trata da representação do que há de maior valor na humanidade e, talvez, na própria ecologia do universo. O caráter dessa dedução não é apenas uma definição romântica, mas está calcada nos sentimentos e racionalidades expressas, que até aqui já foram vistos, muito além de uma questão ideológica.

**Palavras-chave:** Autonomia, Consciência, Inclusão, Valores, Virtudes.

### INTRODUÇÃO

Dentro da perspectiva didática construída para o desenvolvimento desta pesquisa, a virtude representa todos os valores importantes da vida. Mesmo que, em culturas diversas, um valor possa ser diferente, ou mesmo oposto, entre um lugar ou outro, isso não anula a sua significância virtuosa, mesmo não sendo unânime. Afinal de contas, o próprio respeito e tolerância são virtudes.

Fosse o ser humano mais conhecido em uma dimensão mais razoável do que se conseguiu até agora, muitas respostas estariam mais acessíveis. Ironicamente, porém, quanto

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração de Empresas (UCS). Especialista em Gestão de Pessoas (UCS). Especialista em Formação Holística de Base (UNIPAZ). Aperfeiçoamento em Consultoria Empresarial (UnB). Aperfeiçoamento em Gestão Pública (UFSC). Mestre em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Doutor em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) e Universidad Autónoma de Madrid (UAM). [crsabbi@gmail.com](mailto:crsabbi@gmail.com)

mais o homem se aprofunda no tema, como em qualquer outro, a máxima socrática de que “só sei que nada sei” se faz presente.

Enquanto seguem as buscas para um maior entendimento das coisas, pesquisadores de todos os cantos do Planeta navegam por caminhos diversos na tentativa, através da Filosofia e da ciência (essas duas em particular), de ampliar o conhecimento. No que diz respeito ao ser humano, Schopenhauer foi um desses pensadores notáveis, que detinha uma avidez para explorar questões inéditas. Schopenhauer definiu o ser humano como um “ímpeto tempestuoso e obscuro do querer (indicado pelo polo dos órgãos genitais, como seu foco)” (2005, p. 275). Ao mesmo tempo, o definiu como “um sujeito eterno, livre, sereno, do puro conhecer (indicado pelo polo do cérebro) (ibidem, idem)”. Trata-se de uma indicação para o estudo e a exploração do que seja esse ser e do que se trata esta vida.

Há questões absolutamente insolúveis, ao menos até quando a compreensão consegue atingir, atualmente, como, por exemplo, se a vida realmente é verdadeira ou se existe a própria verdade. Porém, dentre uma infinidade de mistérios, alguns elementos detêm o consenso dos filósofos, como é o caso dos valores. Virtude é conviver com os valores reconhecidos e entendidos pela maioria como sendo os de maior importância e significado. Há outros pontos em comum, nesse reconhecimento mútuo do que seja realmente importante, como o fato de que todos os valores possuem características tênues, todas ligadas à questão do espírito, ou da alma, completamente distantes do que o senso de visão mostra que é a matéria.

São Tomás de Aquino (2012), referindo-se à virtude e à razão, revela sua convicção sobre a qualidade desses dois elementos: A razão é mais nobre do que a virtude gerada na parte apetitiva, pois tal virtude não é senão certa participação da razão. Portanto, o ato que precede a virtude pode causar a virtude, enquanto é pela razão, pela qual tem o mesmo que há da perfeição dela. Note-se que essa afirmativa de São Tomás de Aquino nada mais é do que uma sentença de que a razão, em essência, é uma virtude, e até mais nobre do que ela, o que constitui a razão um estado original de pureza.

A pesquisa sobre o significado da virtude partiu do princípio de que boa parte dos problemas da humanidade se resolveriam ao natural se os elementos virtuosos estivessem presentes na maior parte do ser humano, fato que justifica a investigação. Poder-se-á constatar, nas conclusões, que não só a virtude nos levaria para esse quadro, como de fato é um dos elementos fundamentais para o desenvolvimento de um estado mais consciente e, sendo assim, um elemento inclusivo do sujeito para um estado mais pleno de cidadania.

## METODOLOGIA<sup>2</sup>

O método utilizado neste trabalho foi o da hermenêutica reconstrutiva, para aprofundar, em particular, os estudos que tratam da busca de um estado mais consciente, o qual compôs a investigação da tese de doutoramento deste mesmo autor. A propósito, sobre metodologia, Trevisan e Devechi citam que

(...) se, em Kant, os conhecimentos deviam passar pelo crivo da crítica da razão pura, para Habermas trata-se de buscar sua validação pelo exercício da crítica da razão prática, isto é, de uma razão comprometida com o exercício hermenêutico do diálogo, não como opção metodológica exclusivamente, ou seja, como mais um método posto à disposição dos educadores, mas como polo do entendimento possível. (TREVISAN; DEVECHI, 2011, p. 423).

Particularmente sobre a hermenêutica reconstrutiva Trevisan e Devechi trazem uma explicação pontual, invocando Habermas e Honneth:

A hermenêutica reconstrutiva busca ir além dos propósitos da hermenêutica tradicional, porque busca não só compreender, mas validar as ações linguísticas diante do mundo comum a todos. Ainda segundo Habermas (*idem*, p. 94), “compreender uma manifestação simbólica significa saber sob que condições sua pretensão de validade poderia ser aceita”. É nesse caminho que segue também a reflexão de Honneth, na medida em que tenta retomar as contribuições da teoria do reconhecimento, de Hegel, no contexto de predomínio do pensamento científico. (TREVISAN; DEVECHI, 2011, p. 154-155).

Assim, é possível observar e concluir, através das palavras dos autores, que a proposta de uma hermenêutica-reconstrutiva tem a intenção de ir além da hermenêutica tradicional, além de procurar o entendimento, apresenta-se para edificar uma validação das ações linguísticas.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A virtude é estudada desde os tempos imemoriais, fato que oferece um referencial amplo e diversificado, mas que na essência os significados conduzem para um estado de pureza que somente pode ser comparado com o do momento do nascimento. Assim, os autores aqui selecionados e apresentados, refletem exatamente os significados nessa direção.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

---

<sup>2</sup> Em virtude de o texto ser originário da mesma pesquisa – tese de doutoramento deste autor – a metodologia é a mesma constante de outro artigo apresentado ao CINTEDI com o título “A meditação como elemento inclusivo: a busca de um estado mais consciente.

Alguns dos comportamentos sociais têm caminhado na contramão do processo civilizatório. Um exemplo bem flagrante disso é o comportamento de torcidas em estádios de futebol, onde, em especial pelas torcidas ditas organizadas, acontecem verdadeiras batalhas. É de pleno conhecimento público que isso nem sempre foi assim; muito pelo contrário. Nesse mesmo exemplo, se extrai um fato interessante: esse fenômeno se reproduz nas capitais e nos grandes centros, de forma indistinta. No interior, com cidades menores e menor população, menos acostumadas à rotina de grandes espetáculos futebolísticos, isso não ocorre, mesmo que a quantidade de público presente no estádio seja semelhante à de grandes centros. Também, e muito pelo contrário, é comum se observar a presença de famílias inteiras, coexistindo pacificamente, sem deixarem de torcer pelos seus respectivos times de futebol. Então, em vista de situações como essa, se buscará uma proposta de aprimoramento de um estado mais consciente, embora não se pretenda fazer um discurso idealista do ser humano, uma vez que esse se encontra envolto num cenário marcado por contradições.

Freire lembra que “comprometer-se com a desumanização é assumi-la e, inexoravelmente, desumanizar-se também” (2010, p. 19). O neurocientista António Damásio, a propósito desse pensamento de Freire, advertiu que é necessário “educar massivamente as pessoas para que aceitem os outros”, porque “se não houver educação massiva, os seres humanos vão matar-se uns aos outros”.<sup>3</sup>

Foi o que neurocientista português disse por ocasião do lançamento do seu novo livro *A Estranha Ordem das Coisas*, na Escola Secundária António Damásio, em Lisboa, onde ele argumentou diante de uma imensa plateia que é premente nos educar para contrastar os nossos instintos mais básicos, que nos levam inexoravelmente a pensar primeiro na nossa sobrevivência. (FREIRE, 2010, p. 9).

Merlin para este diálogo, ele faz duras críticas à neurociência, chegando a fazer afirmações como a de que:

Neurociências envolvem o triunfo da medicalização, o paradigma positivista e investigação técnica separada da política e subjetiva para viver com os outros e outros efeitos. Assumiu laboratórios comerciais e a vitória da colonização neoliberal produz psicologia de massa, onde o sujeito é reduzido a ser um assunto de experimentação manipulado, quantificado e disciplinado.<sup>4 5</sup>

<sup>3</sup> SEM educação, os homens ‘vão matar-se uns aos outros’, diz neurocientista António Damásio. Disponível em: <https://www.revistaprosaveroearte.com/sem-educacao-os-homens-vaio-matar-se-uns-aos-outros-diz-neurocientista-antonio-damasio/>. Acesso em: 27 fev. 2018.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.lateclaene.com/nora-merlin-cil9>. Acesso em 13 abr. 2017.

<sup>5</sup> Tradução nossa.

Dessa forma, sentenciamos as neurociências e o neoliberalismo como antíteses da virtude. Audi (2006, p. 973) diz que valor é “a medida de importância de algo” e os filósofos descreveram suas formas mais importantes: “valor intrínseco, instrumental, inerente e relacional”, cujo intrínseco seria considerado o básico entre todos eles. Com isso, elucida categoricamente o significado de valor, o que se pode concluir, também, tratar-se de uma virtude. É um conceito taxativo que Audi emprega para definir o sentido mais objetivo e claro possível sobre valor, um dos termos-importantes no decorrer desta pesquisa.

A virtude é o que há de mais valioso em todas as concepções da vida e do ser humano. Abbagnano (2007, p. 1.198) se refere à virtude como “uma capacidade qualquer ou excelência, seja qual for a coisa ou o ser a que pertença”. Ele apresenta, ainda, o significado específico em três situações: “1ª – capacidade ou potência em geral; 2ª – capacidade ou potência própria do homem; 3ª – capacidade ou potência moral do homem” (ibidem, idem). De acordo com este autor há uma referência enunciada por Rousseau e adotada por Kant no sentido de ligar a virtude ao esforço.

Devido à alta de competitividade dos tempos atuais, já citada, o esforço ficou relegado a planos inferiores, ocasionando a capacidade de produzir resultados e a atitude como valores principais. Hoje se executa e se discute muito essas práticas que são denominadas de meritocracias. Identificam-se duas correntes do pensamento sobre isso, uma dizendo que não pode existir meritocracia sem igualdade de condições básicas, as quais devem ser oferecidas pelo Estado. A outra corrente defende sua existência, alegando que os maiores produtores de resultados não estão entre aqueles que recebem as melhores condições básicas e, sim, entre aqueles que têm uma maior atitude e que, geralmente, se trata de pessoas mais humildes, justificando, portanto, a necessidade de meritocracia até como uma forma de justiça social. Entretanto, não há necessidade de se discutir obviedades, como a importância da atitude, mas é elementar recordar que o incentivo à produção é um elemento importante à humanidade em todos os seus aspectos.

Assim, a descreve como consequência do mérito, ligando-a ao resultado. Talvez seja oportuno salientar que uma boa forma de medir resultados deve contemplar todas as variáveis factíveis. Procedendo dessa forma, se estaria aproximando o resultado o máximo possível da excelência. Note-se que o mercado já avalia, também, a variável conformidade, ou seja, a ética nos procedimentos.

Porém, é preciso destacar, primeiramente, o tema em questão – a virtude –, especialmente porque a imperfeição humana a tem relegado a planos inferiores na sua vida



prática e rotineira, no sentido efetivo dos seus usos e costumes. Em alguns momentos, todavia, ela é lembrada como num ato religioso, nos estudos sobre o assunto e, em alguns outros momentos raros do cotidiano, ao menos no saldo médio do comportamento humano. A ilusão de que seria provocada pela cultura existente e, ao mesmo tempo, que envolveria cada um como sujeito passivo produziu uma distorção do seu original significado – da virtude – em todos os momentos que o ser humano vivencia. Kant, como lhe é peculiar, é muito incisivo quanto à importância da atitude em relação à virtude:

Não é preciso ser-se mesmo um inimigo da virtude, basta ser-se apenas um observador de sangue-frio que não tome imediatamente o mais ardente desejo do bem pela sua realidade, para em certos momentos (principalmente com o avançar dos anos e com um juízo apurado em parte pela experiência, em parte aguçado para a observação) nos surpreendermos a duvidar se na verdade se poderá encontrar no mundo qualquer verdadeira virtude. (KANT, 2007, p. 41).

Dessa forma, o filósofo é taxativo quanto à omissão e à falta de uma disposição para o bem, para caracterizar alguém como não ético, ou melhor ainda, não virtuoso, além de colocar a atitude como um ato de excelência. Tudo o que Kant preconizou nessa citação continua absolutamente atual, pois nada disso haverá de mudar por muito tempo, se não o for infinito, salvo quando outro iluminado conseguir elaborar essas ideias de uma forma ainda mais contundente e adequada do que já é.

Schopenhauer (2005, p. 92) lembra que “a ética está para a virtude como a estética para a arte”. É uma afirmativa que contém um certo romantismo, mas sobretudo, uma realidade. Buber alega que “o experimentador não participa do mundo: a experiência se realiza ‘nele’ e não entre ele e o mundo” (SCHOPENHAUER, 2009, p. 45), afirmação que direciona e dá significado à busca de plenitude da ética no comportamento humano, para alcançar a vida na virtude.

Morin, quando perguntado sobre o que seria necessário mudar no ensino para que o planeta, ou a nave, entre em órbita, respondeu:

Um dos principais objetivos da educação é ensinar valores. E esses são incorporados pela criança desde muito cedo. É preciso mostrar a ela como compreender a si mesma para que possa compreender os outros e a humanidade em geral. Os jovens têm de conhecer as particularidades do ser humano e o papel dele na era planetária que vivemos. Por isso a educação ainda não está fazendo sua parte. O sistema educacional não incorpora essas



discussões e, pior, fragmenta a realidade, simplifica o complexo, separa o que é inseparável, ignora a multiplicidade e a diversidade.<sup>6</sup>

O autor acaba proferindo uma verdadeira sentença de como se criar virtudes no ser humano, quando se refere que um dos principais objetivos da educação é ensinar valores, muito embora destaque que a educação não esteja fazendo sua parte.

Discorrer sobre virtude, inevitavelmente, leva a considerações sobre a ética. É preciso destacar Maquiavel (1997, p. 95), que ele explica sobre o termo *resultados*: “Triunfa sempre – pouco importa com que meios – e sempre tereis razão”. Maquiavel foi responsável, com sua obra – *O príncipe* – por separar historicamente a ética da política. É um verdadeiro compêndio para se alcançar resultados, porém, a qualquer custo. Alguns até denominam essas práticas e posturas de Maquiavel como uma ética prática. Muitos, senão a maioria dos governos, passaram a adotar esses ensinamentos em sua forma de exercer a gestão pública. Seus conceitos levam a concluir que, segundo a ética, se for necessário matar uma pessoa para salvar mais do que outras, deve ser feito. A ética kantiana, por sua vez, se justifica como ingênua, pois ela jamais admitiria a morte de alguém. A verdade é que com essas novas ideias trazidas por Maquiavel, somadas à crescente e alta competitividade do mercado, o mundo se transformou completamente, a astúcia passou a ser a palavra de ordem na política e nos negócios. No Brasil, isso foi popularizado com a ideia de “levar vantagem em tudo”.

Gruppu traz um comentário que também sintetiza os efeitos de Maquiavel na sociedade:

O Estado para Maquiavel, não tem mais a função de assegurar a felicidade e a virtude, segundo afirmava Aristóteles. Também não é mais – como os pensadores da Idade Média – uma preparação dos homens ao Reino de Deus. Para Maquiavel o Estado passa a ter suas próprias características, faz política, segue sua técnica e suas próprias leis. Dessa forma, Maquiavel retoma aqui um tema que já foi de Aristóteles: a política é a arte do possível, é a arte da realidade que pode ser efetivada, a qual leva em conta como as coisas estão e não como elas deveriam estar. Existe uma distinção nítida entre política e moral, pois esta última é que se ocupa do que “deveria” ser. (GRUPPU, 1980, p. 11).

Pelo que o autor traz para esta pesquisa, percebe-se que Maquiavel não consentia escrúpulos na condução dos negócios públicos. Além disso, ele era contrário a ideia do direito natural e a aplicação da força pelo monarca era um dever de estado.

---

<sup>6</sup> Edgar Morin na entrevista “O verdadeiro papel da educação” da revista Prosa Verso e Arte. MORIN, Edgar. **O verdadeiro papel da educação**. Disponível em: <https://www.revistaprosaversoarte.com/o-verdadeiro-papel-da-educacao-edgar-morin/>. Acesso em: 24 fev. 2018.

Destaca-se que, muito embora ainda tímidos, já existem movimentos em boa parte dos setores da sociedade para uma modificação desse quadro, para o enxugamento de atitudes que não contenham uma ética, mesmo que isso possa representar menos resultados. Quanto a essa transformação, Barbosa<sup>7</sup> descreve seu ponto de vista:

A ética ganhou destaque nas últimas décadas devido aos impactos da globalização, ao papel da imprensa, à postura da sociedade em exigir seus direitos, ao código do consumidor, às exigências estabelecidas pela governança corporativa, às exigências dos mercados internacionais. Ou seja, muitas vezes o ambiente organizacional sofreu pressões externas para se adequar às novas reivindicações de seus públicos. Assim, passou-se a estudar e a empregar a ética empresarial como uma das vertentes da ética aplicada. (BARBOSA, 2009, p.6)<sup>8</sup>.

Entretanto, esse é um movimento praticamente invisível, dado seu porte diante da vida e de seus contextos sociais e mercadológicos, em especial.

Mesmo que se configure, de fato, o direcionamento à ética por parte do mercado internacional, conforme aponta a autora, seria uma luta cruel, porque o mercado sempre deseja se importar e, de forma categórica, buscar resultados é o que mais importa. Nesses momentos, as sociedades clamam pela Educação, como uma forma de resgatar ou de apontar possibilidades de caminhos a serem perseguidos pelas pessoas. Por um lado, é uma injustiça com a educação, mas, por outro, alguém tem que assumir a liderança para levar o ser humano a atingir os melhores resultados.

Enquanto ocorre tudo isso, é fundamental deixar absolutamente claro que a virtude, e por consequência a excelência, nada tem a ver com o resultado a qualquer preço. É exatamente o oposto: o resultado é importante e fundamental, mas só existe resultado verdadeiro se ele contemplar todos os aspectos éticos, sem exceção. Trata-se de uma questão indissociável. Só haverá resultado verdadeiro se estiver acompanhado de ética. E, ainda assim, se, em alguma circunstância inimaginável, houvesse a obrigatoriedade, de escolher entre resultado e ética (um ou outro), sem nenhuma dúvida, a opção seria pela ética.

Arruda, Whitaker e Ramos (2001, p. 42) apresentam seu entendimento sobre ética, descrevendo seu conceito:

---

<sup>7</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP; Área de Concentração: Interfaces Sociais da Comunicação; Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Sidinéia Gomes Freitas. Docente no Departamento de Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR). E-mail: zilda.andrade@sercomtel.com.br.

<sup>8</sup> ANDRADE, 2009.



A ética é a parte da Filosofia que estuda a moralidade dos atos humanos, enquanto livres e ordenados a seu fim último. De modo natural, a inteligência adverte a bondade ou malícia dos atos livres, haja vista o remorso ou a satisfação que se experimenta por ações livremente realizadas.

O interessante desse conceito é que ele traz o aspecto da dualidade através dos atos livres, ótica que se coaduna com o enfoque que esta pesquisa persegue, a partir dos processos de formação de um estado mais consciente.

Porém, em qualquer conceituação sobre ética, é importante trazer para o debate o pensamento de Aristóteles (384-322 a.C.):

O homem é por natureza um animal destinado a viver na *pólis*, um ser com vocação para a associação política. Mas a condição básica da existência da polis é a ética. Para que a polis possa surgir e se manter é preciso que os homens compartilhem de valores comuns e tenham uma mesma percepção do que é justo, pelo menos para a grande maioria dos homens da sociedade em questão. (ARISTÓTELES, 2001, Livro VI, p. 114b).

Como se pode deduzir, através da profundidade costumeira de Aristóteles, ele vai ao cerne da questão, ao pontuar o destino do ser humano em viver na *pólis* e da necessidade de compartilhar valores comuns. É justamente o ponto em que o desafio para a melhor forma de se portar se torna uma complexidade, exatamente pelo fato da educação, de certa forma, não estar pautada em seus processos, concretamente, na formação de um estado mais consciente. Quanto a isso, o levantamento bibliográfico tem demonstrado claramente, mas o objeto desta pesquisa, além de contextualizar, é especialmente caminhar na busca de alternativas ou opções para proporcionar avanços nesse quadro.

A virtude tem, na definição de Aristóteles, *o status* de belo expoente, ainda não superado, dada sua amplitude que abarca o todo de forma lúcida e lúdica, pois é apresentada com clareza e revela o prazer do autor em construí-la pelo simples objetivo de fazê-la, ou seja,

(...) a virtude é, então, [1107 a] uma disposição de caráter relacionada com a escolha de ações e paixões, e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, que é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. É um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta, pois nos vícios ou há [5] falta ou há excesso daquilo que é conveniente no que concerne às ações e às paixões, ao passo que a virtude encontra e escolhe o meio-termo. (ARISTÓTELES, 2009, p. 49).

Com isso o filósofo define a sua essência, na qual a virtude é uma mediania, entretanto, “ao sumo bem e ao mais justo ela é um extremo”. Como se pode perceber, o termo expressa categoricamente um significado, que possivelmente esteja entre os mais importantes que a

linguagem expressa dentro daquilo que, de fato, importa à vida. Por outro lado, revela o que deve, realmente, importar ao ser humano.

Lewis fundamenta a análise sobre a espiral que deixa as pessoas dependentes, de forma bem parecida com o que já foi dito aqui:

Talvez todos os hábitos, uma vez formados, sejam compulsivos até certo ponto. O cérebro é, certamente, construído para fazer qualquer ação, várias vezes repetidas, em uma compulsão. Mas o coração emocional do vício, em uma palavra – desejo – torna a compulsão inevitável, porque desejo não satisfeito é o trampolim para repetição, e repetição é a chave para a compulsão. (LEWIS, 2015, p. 20).<sup>9</sup>

Entretanto, há que se destacar que essa compulsividade relativa, como Lewis aponta, se refere a hábitos e, como tratado anteriormente, há uma diferença significativa entre hábitos e vícios. Só para lembrar, os hábitos tendem a ter um caráter positivo, enquanto o vício é exatamente o oposto.

Buber (2009), sempre com conotação poética, lança uma pontual reflexão que culmina com uma interessante conclusão que recai sobre o vício ao dizer que “a ficção por mais nobre que seja não passa de um fetiche; o mais sublime modo de pensar, se for fictício, é um vício”, (BUBER, 2009, p. 51). Buber estaria sugerindo que se fugisse ou evitasse a ficção? Talvez seja um alerta para não deixar o pensamento fluir, de forma rotineira, para a irracionalidade.

Arendt diz que “a condição humana do trabalho é a própria vida” e acrescenta:

A obra é a atividade correspondente à não-naturalidade [*unnaturalness*] da existência humana, que não está engastada no sempre-recorrente [*ever-recurrent*] ciclo vital da espécie e cuja mortalidade não é compensada por este último. A obra proporciona um mundo “artificial” de coisas, nitidamente diferente de qualquer ambiente natural. Dentro de suas fronteiras é abrigada cada vida individual, embora esse mundo se destine a sobreviver e a transcender todas elas. A condição humana da obra é a mundanidade [*worldliness*]. (ARENDR, 2014, p. 8).

Com essas observações é possível concluir que a necessidade de trabalho transforma a condição humana, o que poderia explicar, ou ser um dos motivos, das distorções ocasionadas, de certa forma, pela ausência de um estado mais consciente, que levam ao vício, se se considerar que a natureza humana não tem essa predisposição. A autora, porém, observa que a condição mais geral da existência humana é o nascimento e a morte, lembrando que “a pluralidade é a condição da ação humana porque somos todos iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá” (ARENDR, 2014, p. 9-10).

---

<sup>9</sup> Tradução nossa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gray (2006, p. 75) diz que “ser uma pessoa não é a essência do que é ser um humano, mas apenas – como a história da palavra sugere – uma de suas máscaras”. Ele observa que a consciência conta menos no esquema das coisas do que parece. Citando Platão, que identificava a última realidade com o que era percebido pelos humanos em seus momentos de máxima consciência, conclui que tem sido um axioma desde Descartes a afirmação de que o conhecimento presume atenção consciente. Tudo são elementos demonstrativos de que há um infinito para se conhecer do próprio humano, ou sobretudo, dele.

O vício, seus efeitos e seus desdobramentos, em especial o fato de levar a ações completamente irracionais, é um dos indicadores mais presentes, observados não somente pela consciência, mas até mesmo pela sensação e percepção. O fato é que a razão não consegue predominar o tempo inteiro. É quando o vício age.

Existem muitos aspectos que estão incrustados no pensamento humano, advindo dos vícios, em que a própria subjugação das demais espécies parece ser mais uma postura hipócrita e egocêntrica da humanidade. Se os animais forem mais bem observados, pode-se fazer o seguinte questionamento: será que não ficará nítida a presença muito maior da virtude neles, ou na pior de todas as hipóteses, a ausência de maldade? A única ação “selvagem” é pela sobrevivência. A inteligência, a capacidade de racionalizar que a ciência defende ser superior nos humanos, não dá a eles nenhum caráter de superioridade, sob o aspecto da virtude, que o próprio humano reconhece como valores absolutos e máximos, ou seja, um imperativo da vida.

Considerando o que se abordou sobre a *virtude*, pode-se destacar de que se trata da representação do que há de maior valor na humanidade e, talvez, na própria ecologia do universo. O caráter dessa dedução não é apenas uma definição romântica, mas está calcada nos sentimentos e racionalidades expressas, que até aqui já foram vistos, muito além de uma questão ideológica. Poder-se-ia ter como entendimento que a virtude é um imperativo máximo da vida.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: M. Fontes, 2007.

ANDRADE, Zilda Aparecida Freitas de. **XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 22., 2009, Curitiba. A Gestão da Ética Organizacional: possibilidades de atuação dos profissionais de comunicação organizacional e relações

públicas. Curitiba: Usp, 2009. 15 p. Disponível em:  
<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-3773-1.pdf>. Acesso em: 6 out. 2016.

AQUINO, Santo Tomás. **As virtudes morais – questões disputadas sobre a virtude**. Campinas, SP: Ecclesiae, 2012.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. Brasília: Ed. Da UnB, 2001. Trad. de Mário da Gama Kurly.

\_\_\_\_\_. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: M. Claret, 2009.

ARRUDA, Maria Cecília Coutinho de; WHITAKER, Maria do Carmo; RAMOS, José Maria Rodriguez. **Fundamentos de ética empresarial e econômica**. São Paulo: Atlas, 2001.

AUDI, Robert. **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

GRAY, John. **Cachorros de palha: reflexões sobre humanos e outros animais**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

GRUPPU, Luciano. **Tudo começou com Maquiavel**. 15. ed. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 2007.

LEWIS, Marc. **The biology of desire: why addiction is not a disease**. USA: Public Affairs™, 2015.

MAQUIAVEL. **O Príncipe**. São Paulo: M. Claret, 1997.

SEM educação, os homens ‘vão matar-se uns aos outros’, diz neurocientista António Damásio. Disponível em: <https://www.revistaprosaveroarte.com/sem-educacao-os-homens-vao-matar-se-uns-aos-outros-diz-neurocientista-antonio-damasio/>. Acesso em: 27 fev. 2018.

TREVISAN, Amarildo; DEVECHI, Catia Piccolo Viero. Abordagens na formação de professores: uma reconstrução aproximativa do campo conceitual. **Rev. Bras. Educ.**, v.16, n. 47, p. 409-426, 2011.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e como representação**. São Paulo: Edunesp, 2005.